

Homenagear João Mota

Na foto que ilustra este texto João Mota tem 47 anos. É o dia 10 de Julho de 1990, uma Terça-feira, e a Comuna apresenta no palco do Palácio da Cerca o espectáculo *Festival da Otite*, de Carlos Paulo. No programa do Festival (páginas A4 fotocopiadas, dentro de uma capa de cartão) podia ler-se que este espectáculo consistia numa “formidável parada de ‘êxitos’ da canção ligeira, artisticamente cumprida pelo versátil elenco em composições notáveis, que se conformam a rigor às ‘sagradas’ leis destes festivais”. É uma citação *d’O jornal*, que já não existe. João Mota está vestido com um fato-de-macaco cor de rosa, aparentemente a tentar consertar qualquer coisa, agarrado a uma perna: o espectáculo já teria começado? Um senhor de óculos e bigode, ar circunspecto, olha para de onde aparentemente o imbróglio vem. Tem as mãos nos rins, que é onde geralmente as pousamos quando não temos a mais pálida ideia de como se resolve um impasse. Deve ser técnico, o problema.

Joaquim Benite (também com 47 anos, nessa altura) escrevia no programa da sétima edição do Festival que “a Festa de Teatro de Almada voltará a constituir um *foyer* vivo em que artistas de diversas origens e de diferentes escolas irão evocar de forma franca, aberta e aventureira, os problemas essen-

ciais do mundo em que vivemos”. A imprensa começava a notar que este Festival, ainda imberbe, revelava condições para crescer: havia mais público do que em Lisboa. O *Se7e* escrevia que: “Luis Miguel Cintra e a sua companhia, sobretudo depois de uma carreira da sua peça em Lisboa com pouco público, ‘nunca se tinham apresentado para tanta gente’. Também para a Comuna e Carlos Paulo, era ‘inimaginável representar para um público assim’ (mais de mil espectadores estiveram no seu espectáculo!), já que a sala do ‘casarão cor-de-rosa’ não leva mais do que cento e poucos espectadores”. Este jornal acabou, e a Cornucópia também.

No *Expresso*, Eugénia Vasques escrevia um artigo intitulado *Teatro na outra margem, ou de como se fazem omeletas sem ovos*: “O Festival começa a afirmar de forma mais assertiva a sua caracterização dentro do panorama e da geografia dos festivais nacionais. A sua importância reflecte-se paralelamente na promoção e recuperação do património local”. Carlos Porto, no *Jornal de Letras*, notava que o “segredo de Almada” era “o ar livre”: “Já agora, não esqueçamos um dos grandes trunfos deste Festival, mesmo quando sopra uma nortada forte: o ar livre, a diferença de estar, a diferença de ser, deste modo, espectador. Não será esse um dos segredos do seu



êxito?”. Pelos vistos, ainda não havia ‘alterações climáticas’ mas já havia ‘nortada’.

Cito jornais que já não existem, pessoas que já morreram, lugares que já não são como eram. Homenageamos este ano João Mota, que

começou a fazer teatro ainda durante a ditadura, quando a censura era a sério e os artistas iam presos. Recordamos. Trazemos para a frente o passado, agradecendo por quem somos hoje.

Rodrigo Francisco

A olaria do teatro

No pátio da escola D. António da Costa, está este ano instalada uma oficina de cerâmica, embora a roda do oleiro esteja suspensa, e os esboços de peças estejam ainda crus, à espera de um retoque que pode não chegar, e a sua arte selvagem tenha invadido as paredes deste ‘templo’ dedicado a João Mota.

Nas palavras de José Manuel Castanheira que o concebeu: “Este

é um lugar primitivo moldado no barro, onde se ousa esculpir o tempo. Espalhados pelo chão estão desenhados sulcos redondos, onde se dissolvem todas as palavras ditas”.

Palavras ditas e a referência a muitos espectáculos onde a memória se arruma em estantes que recordam camarins onde não há espelhos mas centenas de palavras. Ditas ou por dizer.



Deixem passar o Romeu Runa

O universo do absurdo, a magia e o humor são as linhas com que se cose o trabalho de Martin Zimmermann. Nas suas peças somos confrontados com mundos desconhecidos, extravagantes, habitados por objectos bizarros. O coreógrafo costuma convocar para a cena elementos que já existem na realidade, mas que nos transpõem para um universo paralelo, no qual já nada é o que parecia ser. Zimmermann gosta de subverter os códigos estabelecidos, e de pôr em causa todas e quaisquer certezas.

A origem de *Eins, zwei, drei* [Um, dois, três] conta-se rapidamente: convidado para criar uma performance num museu, Zimmermann acabou por confrontar-se com a impossibilidade de poder sequer trabalhar. Ali tudo era “perigoso” e

“proibido”. Na verdade, constatou o coreógrafo, num museu está-se rodeado — mais do que de obras de arte — de objectos que valem muito dinheiro, e que é imperioso, sobretudo, preservar.

Zimmermann criou então três personagens: uma espécie de ‘palhaço rico’ (Tarek Halaby), vestido de branco, que é um director com queda para o totalitarismo; o seu ‘escravo’ (Dimitri Jourde), um operário que é também o seu factótum; e um ser indomável e louco, que, é bom de ver, não é nada mais nada menos do que o ‘artista’ (Romeu Runa).

Estes três clowns, e as tensões que nascem entre eles, são mergulhados num mundo asséptico, que obedece a convenções estritas e a códigos sociais bem precisos: estamos num museu, uma instituição



pública bem conhecida de todos nós, que se assume como a quintessência da elegância, do bom gosto, da ordem e da memória colectiva criada pela sociedade.

Zimmermann revela-nos ainda que “há já muito tempo que me interesse pela forma como a figura do clown é utilizada no teatro contemporâneo”.

Uma nostalgia carregada de futuro

No rescaldo de um espectáculo que definiu como “arroalhado”, a encenadora, dramaturga e actriz Joana Craveiro esteve ontem de tarde à conversa com o público, numa conversa moderada pelo crítico e autor de teatro Rui Pina Coelho: “Quando uns minutos antes de começarmos nos vieram dizer que a bancada estava completamente cheia, entrámos em pânico. Estava na hora de mos-

tarmos o que tínhamos preparado especialmente para o público de Almada”, revelou-nos. *Aquilo que ouvimos*, apesar da parafernália de objectos, de instrumentos, e de músicos que enchem o palco é uma peça “sobre um silêncio aflito, sobre aqueles momentos nas nossas vidas em que sabemos que nos queremos emancipar mas não sabemos bem como”, acrescentou. “Então fazemos e dizemos aquilo

que estamos a viver. A criadora frisou que “a procura de uma identidade através da memória não é apanágio de uma geração: a memória é sempre um combate”. E a tarde lá terminou, num tom doce e nostálgico, em contraste com decibéis da noite anterior, e ainda espaço para um elogio de alguém do público aos espectáculos do Teatro do Vestido, por “mais do que emoções, partilharem afectos”.

Os Mestres, e os padrinhos (ou madrinhas) de cena

TEATROLOGIA

O criador que hoje o Festival homenageia é por muitos apelidado como ‘Mestre João Mota’. Trata-se de um termo que reverencia um saber passado de geração em geração. Uma forma de agradecimento, feita de reconhecimento e de ternura. Se há mestres, necessariamente existirão discípulos. No teatro, os mestres podem ser actores, encenadores, pedagogos, ou dominarem um mester: a cenografia, a carpintaria, a iluminação, ou a confecção de guarda-roupa: existem ‘mestras’ costureiras, por exemplo, embora cada vez menos. O padrinho de cena é alguém que dá a deixa para que um jovem intérprete diga a sua primeira fala enquanto actor profissional. Para os estreantes, é o momento em que se suspende por segundos o tempo, à espera de que alguém com mais experiência de palco lhe passe a palavra, e o espectáculo continue. Uma prova de confiança, no fundo, que é para a vida. Nas pausas dos ensaios, sobretudo entre actores que trabalham juntos pela primeira vez, é frequente ‘trocarem-se cromos’ destes, sobre quem foram os seus padrinhos ou madrinhas de cena. | Rui Lagartinho

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 e 21:30 | Teatro

Jogging

Incrível Almadense

15:00 | Teatro

Ventos do apocalipse

Academia Almadense

18:00 | Teatro

Eu sou a minha própria mulher

Fórum Romeu Correia

20:00 | Música

Bizu Colective

Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro

Eins Zwei Drei

Teatro Municipal Joaquim Benite

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Roilo de carne c/ tâmaras e bacon
Lulas recheadas c/ puré de batata
Caril de grão c/ arroz de gengibre

AMANHÃ

Perna de peru no forno
Sardinhas fritas c/ salada de favas
Massa soba c/ beringela e laranja

